

OLIVEIRA PAIVA

JOÃO CLÍMACO BEZERRA

Na apresentação de “D. Guidinha do Poço”, o admirável romance de Oliveira Paiva, livro pelo qual o Ceará esperou quase sessenta anos e que “Edição Saraiva” de São Paulo acaba de lançar à publicidade, escreve a Sra. Lúcia Miguel Pereira: “Não deixa de haver uma tal ou qual impertinência nos prefácios que, antecipando-se ao leitor, lhe roubam o prazer de descobrir por si mesmo, as belezas do livro; que se arrogam ares de guia e se interpõem entre quem escreveu e até impedindo a colaboração graças à qual toda obra se renova ao contato de sensibilidades diversas, que diversamente a interpretarão”.

Mas entre Oliveira Paiva e o seu leitor nos dias atuais não se interpõe a penetrante análise da Sra. Lúcia Miguel Pereira. Interpõe-se um longo período de sessenta anos, tempo mais que suficiente para jogar no esquecimento irremissível um escritor que não possui as qualidades essenciais de autenticidade e de expressão, que são os legítimos valores que marcam o artista.

“D. Guidinha do Poço” é um romance que se precede de uma longa história. Manuel de Oliveira Paiva, juntamente com João Lopes, Virgílio Brígido, Justiniano de Serpa e alguns outros, figura como um dos fundadores do “Clube Literário”, sociedade de cujo quadro só poderiam fazer parte “homens, realmente dados às letras”.

Falecido com apenas 31 anos de idade, atormentado pela tuberculose, Oliveira Paiva não teve oportunidade de realizar o seu destino literário. Não figurou, por exemplo, na Padaria Espiritual, surgida em 1892, precisamente o ano do seu falecimento, sendo escassas as referências ao seu nome nas memórias da nossa literatura, deixadas por Antônio Sales, Barão de Studart e alguns outros.

Caberiam as primeiras referências sérias ao nome de Oliveira Paiva nos "Estudos" do Sr. Tristão de Ataíde e já nos nossos dias, a Sra. Lúcia Miguel Pereira, pesquisadora infatigável, exumou das cinzas da "Revista Brasileira" de José Veríssimo, diversos capítulos do "D. Guidinha do Poço", um dos melhores romances porventura escritos por cearense.

Nesta altura, vale a pena transcrever a impressão da Sra. Lúcia Miguel Pereira ao tomar o seu primeiro contacto com o novelista Oliveira Paiva: "Comecei a percorrer-lhe a novela na "Revista Brasileira" por dever de ofício, sem nenhuma predisposição especial à simpatia, antes com enfado que causam as leituras impostas. E logo às primeiras frases percebi que estava frente a frente com um escritor — com um grande escritor".

É essa sensação da presença de um escritor na mais lídima expressão do termo que se experimenta no primeiro encontro com o romance de Oliveira Paiva.

Escrito possivelmente de 1890 a 1891, "D. Guidinha do Poço" se filia ao naturalismo pela técnica e pelo espírito, enquanto é puramente regionalista no tema e na linguagem.

Não se poderá negar a profunda influência do meio na tessitura do romance de Oliveira Paiva, mas o seu estilo, sóbrio e agradável, não se derrama nas grandes descrições panteístas de que Alencar foi o mestre nem se perde em considerações sociológicas tão caracteristicamente marcantes em Franklin Távora.

Oliveira Paiva é o romancista autêntico, prêso à vida das suas personagens, deixando que os fatos defluam naturalmente, sem forcejar atitudes resultantes das circunstâncias temporais e ambientais.

Guidinha do Poço, a figura central do romance, não é uma caricatura. Não chega a ser um símbolo. É uma dessas figuras de mulher que “cresceu com todos os pensadores naturais, uns por enfrear, outros por desenvolver.” Mulher que, como tantas outras aparecidas no sertão, ocupariam lugar destinado aos homens, chefiando a política, administrando fazendas, senhora absoluta da terra e do homem. O marido não passava de uma sombra, arranjada à hora oportuna, como um negócio, com a condição específica de satisfazer-lhe os instintos.

Guidinha trouxe para a minha memória o sêlo de uma autenticidade haurida na minha própria infância. Cresci sob a impressão absorvente de uma dessas heroínas rústicas. Ouvi histórias fantásticas das lutas de família em que ela, senhora de braço e cutelo, traçava com a ponta do seu punhal o destino dos chefes políticos ou absolvía com um gesto da mão potentosa os criminosos que lhe caíam na simpatia e na proteção.

A história de D. Guidinha do Poço poderia aparecer como uma história bárbara. Mas, por mais paradoxal que pareça, aos homens nascidos na terra nordestina, ela não passa de uma história simples, embora tinta de sangue e de angústia. Nenhuma de suas cenas, nenhuma das contrastantes atitudes da heroína, ora protegendo os humildes, afagando os desesperados, consolando os tristes, ora preliando nas justas das vaquejadas, lutando com a terra sáfara, armando o braço assassino para o crime de morte, nenhuma dessas cenas transpõe os limites do verossímil.

Para o nordestino, porém, o traço de nitidez maior do romance de Oliveira Paiva é o seu estilo. É a linguagem saborosamente regional, não pelos modismos ou pelos vocábulos de glossário, mas pela construção da frase, pela singeleza das palavras. Bastaria, como exemplo, a própria sentença inicial do livro: “De primeiro havia na ribeira do Curimatu, afluente do Jaguaribe, uma fazenda chamada Poço da Moita”. Quem, por acaso, nasceu numa fazenda sertaneja e teve a infância embaçada pelas histórias maravilhosas das últimas descendentes de escravos, deve sentir uma imensa ternura, nesse “de primeiro”. Pois é sempre assim que elas, as narradoras broncas, co-

meçam as suas lendas: “De primeiro, quando as galinhas falavam...”

É verdade que Oliveira Paiva abusa, pelo menos no diálogo, da forma matuta, licenciosidade a que se permitem, com abundante mau gosto, os escritores sertanistas de segunda classe. E mesmo no corpo do romance há um excessivo emprêgo de palavras e expressões tipicamente regionais. Mas, essas pequenas falhas não invalidam, nem de longe, o mérito do livro de Oliveira Paiva.

Não podemos fugir à sedução de tentar um resumo da história de D. Guidinha do Poço. Herdeira do Capitão-mor Reginaldo Vencelau de Oliveira, que não deixara varão, Guidinha, a neta desabusada, lhe herdaria as fazendas e o renome. Cresce sôlta, como as ervas bravias, vadeando os rios transbordantes, montando os árdegos cavalos das suas fazendas.. Na época de casar casa com o Mjr. Joaquim Damião de Barros, “um homenzarrão alto, grosso, natural de Pernambuco — uma boa alma”. E assim vão passando os anos na fazenda do Poço da Moita, até que vindo de Pernambuco, fugindo de um crime de morte, aparece o sobrinho do Major Damião, o moço pracioneiro Luís Secundino de Sousa Barros. Nasce daí a trama do romance. Guidinha toma a peito a defesa do sobrinho, enviando cartas e protetores a Pernambuco. E desse interêsse, do contacto permanente com o moço da cidade, brota a paixão com a força cega e brutal, como tudo que vem da terra selvagem. O Major desconfia e tenta o desquite. Guidinha, então, debaixo na política, após uma série complicada de intrigas, em que procura demonstrar a loucura do marido, manda assassiná-lo por um dos seus capatazes. A cena da prisão de Guidinha, quando “ela entrou sobranceira pela Rua Grande, a cavalo numa estrada alta. A chapelinha um tanto para trás, deixando a testa quase no sol, enquanto, “ela supunha o Secundino (causador de tôda a desgraça) longe, afastando-se daquela terra ingrata, como as pombas avoantes, do modo que das grades da prisão ela as via lá se irem, a fazer apenas uma trêmula manchinha escura no céu alto...” é de uma beleza raramente imitável.

“Não virá “D. Guidinha do Poço” alterar a hierarquia da nossa literatura?” interroga a Sra. Lúcia Miguel Pereira, no seu admirável prefácio.

A pergunta é realmente oportuna. Não apenas pela possibilidade de “abrir alas para deixar passar esta novela, muitos romances anteriores e dos mais famosos”, mas principalmente, para revisão dos autênticos iniciadores do romance brasileiro.

Quem pesquisa a evolução do nosso romance, fácil será apontar Franklin Távora, Domingos Olímpio e alguns outros como os seus autênticos precursores. Do romance que nascera liberto da influência portuguesa, (para não citar a formação intelectualística herdada da França) e que se consolidaria, a partir de 1930, com José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Liñs do Rêgo, Jorge Amado e tôda a corrente moderna ainda não superada.

E cabe justamente ao Sr. José Américo de Almeida o primeiro lugar nesse movimento renovador. Mas, lendo-se agora “D. Guidinha do Poço”, analisando o seu tema, a sua linguagem, a sua técnica, poder-se-ia recuar para o princípio do século o início do grande movimento surgido em 1930. Porque “D. Guidinha do Poço”, apesar dos seus sessenta anos de existência, é um romance que poderia aparecer nos dias atuais, filiando o seu autor, com merecido destaque, na nova corrente de romancistas brasileiros.

Os historiadores da nossa literatura, muitos dos quais desconheceram o cearense Manuel de Oliveira Paiva, têm de meditar nesse problema. Não podem ficar indiferentes ao escritor autêntico, mestre do seu gênero no seu e nosso tempo, pelo simples fato de êle não ter podido aparecer na sua própria época... Porque o público, decerto, tomará conhecimento do escritor, através da edição patrocinada pela Sra. Lúcia Miguel Pereira, restando que se cumpra o velho brocardo de “a justiça na voz da história”.